

A vida escondida de Jesus

Primeira parte

di P. Francisco Tiery

Seguindo o nosso caminho catequético, desta vez queremos falar da vida oculta de Jesus. Partimos das palavras do catecismo, número 514, que afirma que *Muitas coisas que interessam à curiosidade humana, a respeito de Jesus, não figuram nos evangelhos. Quase nada se diz da sua vida em Nazaré e mesmo grande parte da sua vida pública não é relatada. O que foi escrito nos evangelhos, foi-o «para acreditardes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais a vida em seu nome» (Jo 20, 31).*

Quando pensamos na vida de Nazaré, uma vida escondida, pensamos imediatamente no conjunto de virtudes ou atitudes que têm por efeito dispor quem as possui a uma vida inteiramente interior e distanciada dos homens: humildade, pobreza, obediência, amor pela meditação...

Na realidade, a vida de Jesus é apresentada de uma forma mais complexa e não se pode dizer que seja escondida apenas no sentido espiritual definido acima. Jesus percebe-se como Deus, mediador entre os homens e portador de uma mensagem para dar ao mundo, com a alma repleta de uma verdade que O inunda por dentro e o coração inflamado por um amor ardente pelo Pai e por todos os irmãos da terra.

E, no entanto, esta realidade é voluntariamente mantida em silêncio.

Mais ainda, Ele esconde-se, até certo ponto, dos seus pais, da sua mãe, mas certamente completamente dos seus concidadãos, todo o essencial da sua vida interior, da sua missão de redentor.

Tudo isso apesar das solicitações das visões de miséria, sofrimento e luto que O oprimiam todos os dias. Cristo sepulta-se na escuridão da vida quotidiana de Jesus, filho de José. Um escândalo que nenhum dos seus conterrâneos conseguiu superar, que nunca conseguiram adivinhar a sua identidade quando Ele começou a sua pregação pública. Um escândalo que até os primeiros cristãos lutaram para superar, tentando superá-lo escrevendo os evangelhos apócrifos da infância. É neste sentido que a sua vida está escondida. Ele esconde a sua personalidade misturando-se tanto quanto possível com seus concidadãos. Ele assume todas as leis e costumes do seu povo: Nazaré foi verdadeiramente a sua pátria. As circunstâncias da Encarnação foram tais que favoreceram a intenção do Filho de Deus de desaparecer entre os homens, adotando a existência mais comum, longe mesmo dos casos extremos que poderiam tê-lo feito notar. Ele não se esconde, não se isola, não é um eremita: neste sentido teria atraído para si a atenção dos homens, como fez João. Nem quis assumir um regime de pobreza exagerada. Em vez disso, Ele era um trabalhador com todos os inconvenientes, sofrimentos, dificuldades para receber o seu salário.....

É o mistério da encarnação: ele não considerava a sua igualdade com Deus um tesouro zeloso.

Este foi o estado de vida escolhido pelo Senhor como plena consequência da sua Encarnação. Ele queria assumir todo o estado de um homem pecador.

O resultado foi tal que: Na sociedade ele não era considerado nada.

Devemos superar a ideia de uma compressão temporária, mesmo que longa, de Jesus, para depois revelar-se, talvez recuperando com milagres ou intervenções, o que não conseguiu realizar no seu escondimento. Este desejo de esconder-se, de escapar, permanece em Jesus durante toda a sua vida, mesmo na sua vida pública, tornando-se um traço distintivo da sua personalidade: destaca-se o seu retiro, sobretudo quando as pessoas se aproximam dele de forma inadequada, ele foge da multidão depois dos milagres:

Eles querem fazer o rei e Ele se esconde. E vemos como Ele faz milagres mas a custo, quando os faz, recomenda não dizer nada, e em todo caso nunca para Ele, mas para os outros. Evita prodígios gratuitos, comportamentos que antes caracterizarão os espíritos malignos do fim dos tempos.

Como Senhor da criação, realizou milagres, mas não para si mesmo. O que incomoda é a normalidade da vida assumida por Jesus. Esta mesma atitude estará na raiz do ódio que os seus contemporâneos derramarão sobre Ele: Jesus apresenta-se como um homem como todos os outros, cujo nome, data de nascimento e país onde viveu, e afirma identificar-se com o Mistério, fazer-se Deus. Os judeus não admitem a liberdade absoluta do Mistério na escolha de como comunicar-se livremente. Na sua vida gloriosa ele retém e esconde a glória que adquiriu: a única demonstração é o túmulo vazio; as únicas testemunhas são pessoas já introduzidas na fé, e as suas aparições nada têm a ver com a publicidade que a crucificação recebeu. E mesmo agora Ele não muda o seu jeito de estar com os homens: *Veja como os homens são e veja como Ele é. Olhe para Ele no Sacrário, ali no silêncio Ele te fala e te escuta, ali você O vê mais escondido do que em qualquer outro lugar; uma casa fechada e muitas vezes miserável e pobre, depois ainda mais escondida dentro de uma píxide coberta, mas ainda mais escondido sob o disfarce de uma hóstia. Você entende? E vive escondido nas almas. Ele sempre quer esconder-se em tudo.*

Ele desceu com eles para Nazaré. E ele era submetido a eles. Ele caiu, afundou, se humilhou, foi uma vida de humildade. Deus, ainda assim apareceu como homem; homem, e mostrou-se como o último dos homens: foi uma vida de abjeção, desceu ao último dos últimos lugares, desceu com eles para viver a sua vida, a vida dos trabalhadores pobres. O homem torna-se, por último, um pequeno trabalhador na pequena Nazaré.

E quando fala de si mesmo, sempre diz que é inferior ao Pai, sem falar sobre o que o torna eternamente igual a Ele.